

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

Francisco Ferreira de Araujo

**O CARÁTER DE EDUCAÇÃO POPULAR NO NÚCLEO DE
GEOGRAFIA DO PEAC VIVENCIADO NA RETOMADA DAS AULAS
PRESENCIAIS.**

Porto Alegre, 2023
2º Semestre 2022

Francisco Ferreira de Araujo

**O CARÁTER DE EDUCAÇÃO POPULAR NO NÚCLEO DE
GEOGRAFIA DO PEAC VIVENCIADO NA RETOMADA DAS AULAS
PRESENCIAIS**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto de Geociências, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado em Geografia.

Orientador(a): Profa. Dra Larissa Corrêa Firmino

Porto Alegre, 2023
2º Semestre 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Carlos André Bulhões Mendes (Reitor)

Patricia Pranke (Vice-Reitora)

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

Nelson Luiz Sambaqui Gruber (Diretor)

Tatiana Silva da Silva (Vice-Diretora)

Araujo, Francisco Ferreira de

O CARÁTER DE EDUCAÇÃO POPULAR NO NÚCLEO DE GEOGRAFIA
DO PEAC VIVENCIADO NA RETOMADA DAS AULAS PRESENCIAIS /

Francisco Ferreira de Araujo. -- 2023.

52 f.

Orientadora: Larissa Corrêa Firmino.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Geociências, Licenciatura em Geografia, Porto
Alegre, BR-RS, 2023.

1. PEAC. 2. Educação Popular. 3. Cursos Populares.
4. Ensino Remoto Emergencial. 5. Ensino de Geografia .
I. Firmino, Larissa Corrêa, orient. II. Título.

Francisco Ferreira de Araujo

**TÍTULO: O CARÁTER DE EDUCAÇÃO POPULAR NO NÚCLEO DE GEOGRAFIA
DO PEAC VIVENCIADO NA RETOMADA DAS AULAS PRESENCIAIS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciado em Geografia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Licenciatura em Geografia, obtendo conceito...

Porto Alegre, 18 de abril de 2023.

Prof. Marcelo Argenta Câmara, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Larissa Corrêa Firmino, Dra.
Orientadora
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^a Élide Pasini Tonetto, Dra.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^a Nicole dos Santos Ferreira
Professora do PEAC/Mestranda UFRGS

Este trabalho é dedicado a todos os/as educadores populares que constroem o PEAC, especialmente aos colegas da Geografia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Fábio e Pinta, por todos os anos em que me apoiaram incondicionalmente, por tudo que abdicaram para possibilitar que eu corra atrás dos meus e nossos sonhos. Amo muito vocês.

Agradeço ao meu irmão Arthur, pela parceria ao longo dos anos, todo o apoio e carinho que temos um pelo outro.

Agradeço aos demais familiares, Vó Tânia, Vô Verci, Vó Carmem e Vô Dinê.

Agradeço aos amigos, Marcelo, Eduardo, Carol, Nick, Italo, Dani e todos os outros, vocês são muito importantes para mim.

Agradeço a minha orientadora Larissa, por aceitar meu convite e por todo o apoio durante a construção desse trabalho.

Agradeço as professoras Élide e Nicole, por aceitaram fazer parte dessa banca examinadora.

Por fim, agradeço as professoras e professores de Geografia do PEAC, com vocês aprendo muito e tem sido uma experiência inspiradora construir coletivamente esse espaço. Agradeço especialmente aos professores entrevistados neste trabalho.

*“Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido
é ser o opressor.”*

Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido*

RESUMO

Este trabalho versa sobre a percepção dos/as professores/as do núcleo de Geografia do PEAC no retorno ao modelo de ensino presencial após o período remoto de distanciamento da pandemia da Covid-19. Buscou-se compreender de que maneira e se aconteceu a potencialização do caráter de Educação Popular no núcleo de Geografia neste contexto. Foi realizado um mapeamento de TCCs produzidos na UFRGS sobre o PEAC e um levantamento teórico que dialogou entre os conceitos de Educação Popular e cursos populares preparatórios para o ingresso no Ensino Superior. Foram elaboradas e aplicadas entrevistas com quatro professores do núcleo que participaram da transição entre o Ensino Remoto Emergencial (ERE) e o Ensino Presencial. Foi escolhida metodologicamente a realização de entrevistas semiestruturadas, pois permitem ao pesquisador obter de maneira aperfeiçoada as opiniões, percepções e experiências dos entrevistados. Após análise das entrevistas, destaca-se a importância da retomada das reuniões presenciais para o planejamento, troca de experiências e decisão dos rumos a serem seguidos coletivamente.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; PEAC; Educação Popular; Ensino Remoto Emergencial; Cursinhos Populares;

ABSTRACT

This work deals with the perception of the teachers of the PEAC Geography core in the return to the On-Site teaching model after the remote period of distancing from the Covid-19 pandemic. We sought to understand in what way and if the potentialization of the character of Popular Education in the core of Geography took place in this context. A mapping of TCCs produced at UFRGS on the PEAC and a theoretical survey that dialogued between the concepts of Popular Education and popular preparatory courses for entering Higher Education were carried out. Interviews were prepared and applied with four core teachers who participated in the transition between Emergency Remote Teaching (ERT) and On-site Teaching. Methodologically, semi-structured interviews were chosen, as they allow the researcher to better obtain the opinions, observations and experiences of the treaties. After analyzing the interviews, the importance of resuming face-to-face meetings for planning, exchanging experiences and deciding on rumors to be followed collectively is highlighted.

Key Words: Geography Teaching; PEAC; Popular Education; Emergency Remote Teaching; Popular Courses;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de Localização do PEAC

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.

CEPE – Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão.

COVID – *Corona Virus Disease*.

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio.

ERE – Ensino Remoto Emergencial.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

LGBTQIA+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer, Intersexo e Assexuais.

LUME – Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

OMS – Organização Mundial da Saúde.

PEAC – Projeto Educacional Alternativa Cidadã.

PPP – Projeto Político Pedagógico.

PVNC – Pré-Vestibular para Negros Carentes.

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso.

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 PEAC: UM PROJETO DE EDUCAÇÃO POPULAR VOLTADO À COMUNIDADE	16
3 O RETORNO À MODALIDADE PRESENCIAL MEIO UMA PANDEMIA	21
3.1 A pandemia da Covid-19	21
3.2 Os/as Professores/as e seus enfrentamentos pandêmicos	23
4 PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO	25
4.1 As entrevistas semiestruturadas	25
5 REVISÃO DA LITERATURA	29
5.1 Mapeamento dos Trabalhos de Conclusão de Curso sobre o PEAC	29
5.2 Aproximações entre Educação Popular e cursinhos populares preparatórios para ingresso no Ensino Superior	32
6 PROFESSORES/AS RELATAM A RETOMADA DAS AULAS PRESENCIAIS	39
6.1 As dificuldades docentes durante o ERE e suas percepções no retorno ao presencial	39
6.2 As mudanças no Núcleo de Geografia com o retorno das atividades presenciais	42
6.3 A potência da Educação Popular no núcleo de Geografia do PEAC	44
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
8 REFERÊNCIAS	49
ANEXO I	51

1 INTRODUÇÃO

O PEAC – Projeto Educacional Alternativa Cidadã - é um curso preparatório para o ENEM e pré-vestibular que surgiu no ano 2000 no município de Porto Alegre/RS em parceria e com espaço cedido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O projeto foi fundado para suprir a alta demanda de estudantes que o pré-vestibular Zumbi dos Palmares não tinha estrutura para atender. O PEAC tem grande inspiração nos projetos Steve Biko, da Bahia, e do Pré-vestibular para Negros e Carentes (PVNC) do Rio de Janeiro.

A seleção dos alunos atendidos pelo Projeto é feita através de um formulário e apresentação de documentos comprobatórios das informações declaradas, os alunos são selecionados conforme uma tabela de critérios socioeconômicos. A luta do PEAC é pela inclusão social, acesso e permanência das classes mais pobres na universidade e construído por dezenas de pessoas que acreditam na educação como forma de criar autonomia e emancipação.

O PEAC se organiza em diferentes núcleos, em que cada disciplina escolar forma o seu, assim os núcleos são compostos por professores/as voluntários e pela coordenação do núcleo. Cada núcleo tem autonomia para fazer a seleção dos professores/as, organizar os horários das turmas, propor atividades diferenciadas, elaborar apostilas e trabalhar os conteúdos. O Núcleo Geografia do PEAC hoje é composto por doze professores/as voluntários e a maioria ainda cursa a graduação em Licenciatura em Geografia na UFRGS, e alguns estão fazendo Mestrado em Geografia na mesma instituição. Assim, o núcleo se divide para atender as cinco turmas em atividade no PEAC, quatro delas no modelo presencial e uma no modelo de ensino remoto.

Durante a pandemia da Covid-19¹ o PEAC se reorganizou e se adaptou para atender os estudantes no modelo de ensino remoto emergencial, disponibilizando uma turma que contava com mais de duzentos alunos nos anos de 2020 e 2021. As dificuldades foram muitas para todos que formavam o projeto nesse período, como a necessidade de adaptar as aulas para o ensino remoto, a forma de construir coletivamente o projeto, o afastamento entre e dentro dos núcleos e a saúde mental

¹ Pandemia declarada pela Organização Mundial da Saúde em 11 de março de 2020. Para saber mais, acesse: [Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus - Notícia - UNA-SUS \(unasus.gov.br\)](https://www.unasus.gov.br/). Acesso em: 10 abr. 2023.

de todos que construíram de maneira voluntária o Projeto durante o período mais difícil e de incertezas que a pandemia da COVID-19 trouxe.

No ano de 2022 a UFRGS retoma as atividades presenciais em todos os campi, e o PEAC consegue retomar as atividades presenciais em sua sede no *campus* do Vale e tem espaço cedido inicialmente pelo Instituto de Física para atender as quatro turmas de ensino presencial que foram disponibilizadas nessa retomada. No segundo semestre do ano, as aulas migraram para as salas do Instituto de Letras, no mesmo *campus*.

Esse momento de retomada, que era muito esperado pelos diversos núcleos de professores/as do PEAC e da coordenação geral, trouxe novos desafios para a reestruturação e construção de uma Educação Popular no projeto. O núcleo de Geografia fez seleção de novos professores/as e oito novos integrantes foram selecionados para integrar a equipe.

O núcleo de Geografia voltou a fazer reuniões presenciais mensais para organizar coletivamente as demandas do momento, e a presente pesquisa foca principalmente num esforço de entender as nuances desse momento tão singular do coletivo. Durante esse momento inicial o núcleo focou seus debates em acolher os novos integrantes, organizar a divisão dos professores/as para atender as novas turmas que passaram de uma para cinco, a reaproximação interna dos professores/as, a readaptação para o modelo de ensino presencial e a retomada do núcleo em um espaço de troca de experiências potencializando a formação dos docentes.

O estudo ao qual se dedica esta pesquisa, diz respeito ao tema que busca entender o retorno ao modelo de ensino presencial no núcleo de Geografia do PEAC, onde se levantou a seguinte hipótese: A retomada das aulas presenciais influenciou positivamente na qualidade das aulas, na motivação dos professores/as e reforçou através da construção coletiva presencial o caráter de Educação Popular no núcleo de Geografia do PEAC.

Essa hipótese está baseada no fato de que durante o período do ensino remoto emergencial no PEAC houve um afastamento físico e relacional entre estudantes e professores/as e dos professores entre si. Essa limitação social de trocas e diálogos levou a individualização dos membros do projeto afetando na sua motivação, desempenho, saúde mental e nos elementos que são base para a construção de uma Educação Popular.

Com a volta das atividades presenciais as relações, a motivação, a coletividade no preparo e durante as aulas potencializaram as aulas de Geografia voltada para uma Educação Popular. Essa investigação buscou descobrir a maneira como isso aconteceu no projeto e se houve uma potencialização do núcleo de professores/as de Geografia na construção de uma Educação Popular.

Buscou-se analisar as mudanças na relação entre os professores/as do núcleo de Geografia do PEAC com a volta das aulas e reuniões presenciais, descobrir quais foram as principais dificuldades dos professores/as durante o período de ensino remoto emergencial e como foi percebida a diferença no momento de retorno ao modelo presencial. Também se debruçou a analisar como os professores/as perceberam a mudança no reconhecimento das dificuldades no processo de ensino e aprendizagem e na participação durante as aulas pelos estudantes na retomada do modelo de ensino presencial.

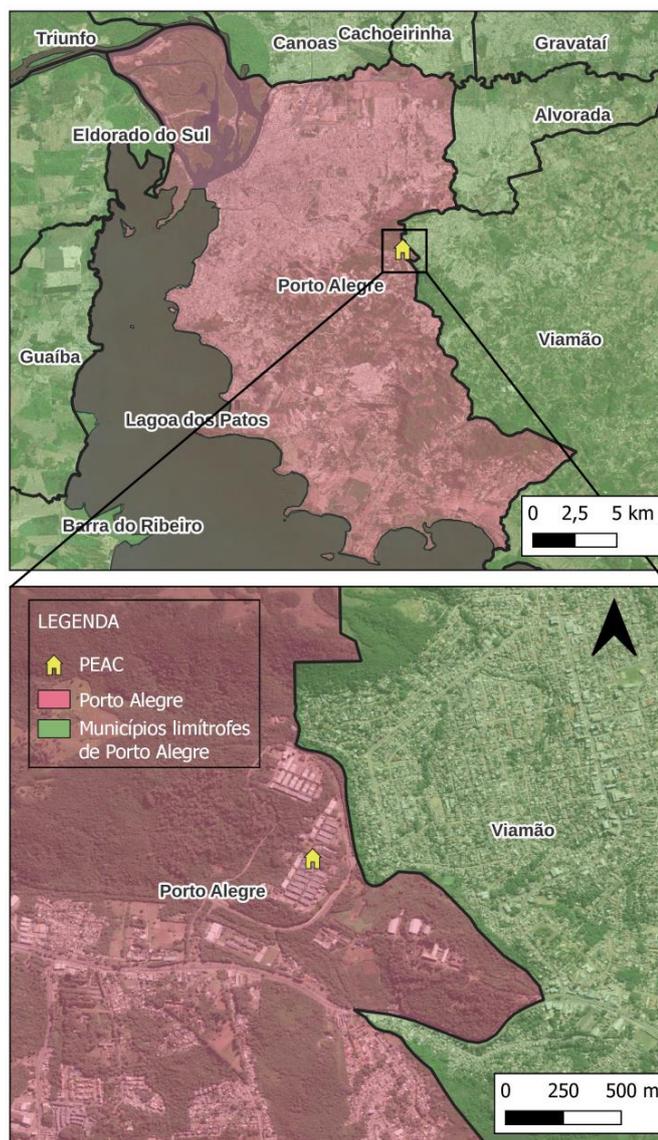
No núcleo de professores/as de Geografia do PEAC há membros que estão construindo o projeto desde 2018. Durante a realização do questionário para a escrita desse trabalho os membros que participaram de todas essas readequações foram os sujeitos desse estudo, de maneira a conseguir compreender como a volta ao modelo de ensino presencial não está sendo igual ao presencial que foi vivenciado antes da pandemia da COVID-19.

2 PEAC: UM PROJETO DE EDUCAÇÃO POPULAR VOLTADO À COMUNIDADE

Os cursos de pré-vestibular populares estão presentes em todas as regiões do Brasil e cumprem um papel importante na democratização do acesso à universidade pública pelas classes mais baixas dos trabalhadores do Brasil. No município de Porto Alegre essa iniciativa contra hegemônica de educação, existe há pelo menos três décadas e atualmente conta com mais de quinze cursos populares espalhados pelo município e região metropolitana. O PEAC – Projeto Educacional Alternativa Cidadã, proposta de extensão pensada em uma perspectiva de educação popular de pré-vestibular e ENEM, nos seus mais de 20 anos de história atuou na aprovação de centenas de estudantes em universidades públicas e privadas espalhadas pelo país.

O PEAC surgiu no município de Porto Alegre no ano de 2000 para suprir a alta demanda que o cursinho popular Zumbi dos Palmares, já existente naquele momento, não conseguiu até então absorver naquele ano, pois aproximadamente cem estudantes se matricularam, cumpriram os critérios socioeconômicos, mas não conseguiram a vaga. A maioria dos estudantes que levaram a criação do PEAC moravam em Viamão, cidade limítrofe ao *campus* do Vale da UFRGS e construíram o curso em parceria com o Instituto de Física desta universidade. Assim, o PEAC conseguiu espaço físico para iniciar sua história dentro da UFRGS.

Figura 1 - Mapa de localização do PEAC



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Na figura 1, podemos ver que a sede do PEAC se localiza no *campus* do Vale da UFRGS, no extremo leste do município de Porto Alegre. Os municípios de Viamão e Alvorada ficam próximos ao referido *campus*, o que facilita os estudantes residentes desses municípios a participarem de maneira presencial das aulas.

No ano de 2005 o projeto já estava bem estruturado e para conseguir que seus estudantes tivessem direito à carteira de estudante e isenção de 50% no valor da passagem de ônibus, o PEAC se tornou oficialmente parte da UFRGS, firmando vínculo como projeto de extensão da universidade.

O PEAC se baseia teoricamente nos princípios da Educação Popular em uma perspectiva Freiriana, feita pelo povo e voltada para a educação e emancipação do povo. O Projeto tem uma postura ativa e combativa na transformação da sociedade, antagonizando o sistema tradicional de ensino, que muitas vezes busca apenas a manutenção do sistema capitalista e perpetua a violência dos opressores. Através de uma construção coletiva e horizontal, o projeto busca auxiliar a tomada da consciência crítica da realidade dos educandos e educadores, no sentido de se comprometerem com a libertação dos oprimidos da sociedade.

No Projeto Político Pedagógico (PPP) do PEAC estão presentes diversos compromissos assumidos por seus membros, sendo o principal deles a luta pela democratização do Ensino Superior, prioritariamente em instituições de ensino públicas por camadas da população que tem historicamente esses espaços negados (pessoas negras, indígenas, LGBTQIA+ e de baixa renda).

O Projeto tem como estratégia ministrar aulas focadas nos conteúdos exigidos pelo ENEM e pelo vestibular da UFRGS, mas também em seu PPP e na prática pedagógica desenvolvida ao longo do ano, os educadores buscam organizar aulas para promover e debater a cidadania, através de encontros, debates, cine debates e saraus com temáticas sobre feminismo, movimento negro e luta LGBTQIA+. O combate ao discurso hegemônico capitalista do individualismo e da meritocracia, que está cada vez mais difundido nas mídias e em diversos espaços que a comunidade do PEAC circula, também é temática explorada nas aulas do projeto.

Outro ponto chave que define o coletivo PEAC é a defesa do sistema de cotas em sua seleção, pautado por critérios socioeconômicos e/ou raciais. A importância da presença das cotas na seleção do PEAC se dá pelo interesse em priorizar um grupo diverso de estudantes que irão integrar o projeto, ou seja, oferecendo acesso prioritário à candidatas/os negros/as e de baixa renda.

O projeto entende que apenas a aprovação no vestibular não garante a permanência desses estudantes nas instituições de ensino superior, que são muitas vezes espaços de reprodução de estruturas elitistas em suas burocracias e práticas. Uma das práticas que o PEAC desenvolveu para ajudar a garantir a permanência de seus estudantes aprovados nas universidades, é auxiliar os mesmos nas leituras de editais internos destas instituições de ensino, tirando dúvidas burocráticas e auxiliando na organização da documentação necessária para fazer a matrícula ou mesmo na participação em programas de permanência estudantil.

No ano de 2022 o projeto ofertou cinco turmas, quatro delas no modelo presencial, sendo duas no período vespertino, duas noturnas e uma turma com aulas *on-line*. O PEAC teve um grande número de estudantes inscritos no ano citado, pois em cada turma presencial o ano letivo foi iniciado com aproximadamente setenta estudantes, e na turma *on-line* mais de cento e cinquenta.

Hoje o PEAC é formado principalmente por professores/as voluntários, em sua grande maioria estudantes de cursos de Licenciaturas da UFRGS, que ao se dedicarem à construção coletiva desse projeto, também se desenvolvem enquanto docentes. Esse trabalho também reflete sobre como a coletividade no grupo de professores/as de Geografia do PEAC influencia na formação individual de seus membros.

Até o momento de escrita do presente trabalho, ou seja, março de 2023, o núcleo de professores/as de Geografia do PEAC conta com doze membros, em que cinco estão nos primeiros semestres do curso, dois estão concluindo a graduação em Licenciatura em Geografia e cinco já são professores/as formados pela UFRGS. Há uma grande diversidade de trajetórias no que diz respeito aos professores o PEAC, e esta característica têm rendido alguns debates e trocas de experiência no projeto. Durante as reuniões do núcleo de Geografia, para além da construção dos conteúdos trabalhados em cada turma, há também um espaço para a discussão de materiais teóricos, momentos de troca de experiências e de formação política.

No período em que este trabalho de conclusão de curso foi escrito, a UFRGS e o PEAC já retomaram o ensino presencial após longo período de distanciamento social vivenciado por muitas universidades no Brasil e no mundo. Entretanto, tanto a universidade em questão quanto o projeto que aqui nos debruçamos a estudar, ainda vivenciam reflexos do período de distanciamento social que a UFRGS passou ao longo da Pandemia da Covid-19, e por consequência o PEAC também.

Com muito afinho de seus membros, o PEAC conseguiu ao longo do período de distanciamento social da Pandemia da Covid-19 adaptar suas aulas para o ensino remoto em caráter emergencial, no esforço coletivo de manter o projeto em funcionamento. Com as portarias que indicaram o fim do distanciamento social na UFRGS, em 2022, o PEAC se reorganizou para voltar às aulas no modelo de ensino presencial.

Entretanto, é importante ressaltar que o contexto social e pedagógico que nos inserimos para discutir este trabalho de conclusão de curso se dá em torno do

argumento que os espaços educacionais e seus sujeitos, como o PEAC, não são mais os mesmos de antes da pandemia da Covid-19 por infinitas questões.

É no contexto de retomada à modalidade de ensino presencial no PEAC, ainda meio a pandemia da Covid-19², que o presente trabalho buscou investigar a percepção dos professores/as do núcleo de Geografia em relação a este cenário. O intuito foi compreender se a retomada da presencialidade influenciou positivamente na qualidade das aulas, na motivação dos professores/as e se contribuiu em aspectos importantes para a construção da coletividade no caráter de Educação Popular do PEAC.

² Até este momento a OMS não decretou o fim da pandemia da COVID-19.

3 O RETORNO À MODALIDADE PRESENCIAL MEIO UMA PANDEMIA

3.1 A pandemia da Covid-19

O ano de 2020 ficou marcado pelo início oficial da pandemia de COVID-19 causada pelo vírus SARS-CoV-2, detectado inicialmente meio a vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na China. A partir de dezembro de 2019 o vírus se espalhou rapidamente por todos os continentes do mundo e em 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde - OMS decretou estado de pandemia. No Brasil, o primeiro caso identificado da doença foi na cidade de São Paulo no dia 26 de fevereiro de 2020, e em menos de uma semana foram registrados novos casos em todos os estados do país.

No momento de escrita desse trabalho o fim da pandemia ainda não foi oficialmente decretado pela OMS, e até então o mundo já registrou mais de 750 milhões de casos e 6,87 milhões de mortes, mas a Organização Mundial da Saúde estima que há uma grande subnotificação de casos e mortes e que mais de 15 milhões de pessoas perderam suas vidas. No Brasil, em abril de 2023, o número de casos já passou dos 37 milhões³ e ultrapassa a marca de 700 mil brasileiros que vieram a óbito pela doença. Atualmente, o Brasil é o segundo país no *ranking* de mortes pela doença da Covid-19, ficando atrás apenas dos Estados Unidos que já registrou mais de 1 milhão de óbitos. Os dados aqui citados foram consultados no Portal do COVID-19⁴, site vinculado ao Ministério da Saúde por meio da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS/MS) que divulga dados consolidados sobre o COVID-19. Neste site há um painel que mostra os dados sobre a pandemia da COVID-19 no Brasil e nele podemos constatar o caráter das estratégias genocidas no enfrentamento a pandemia que infelizmente o Brasil adotou pelas autoridades naquele momento.

O distanciamento social foi a principal estratégia adotada pela maioria dos países do mundo para diminuir a transmissão do vírus. No Brasil, apesar da negação e resistência do Governo Federal frente a essa estratégia, ela foi aderida em muitos contextos. Foi possível observar no Brasil, escolas, universidades, repartições públicas, bares, restaurantes, praças, estádios e outros locais de aglomeração de

³ Dados do Painel Coronavírus, atualizado em 04/04/2023. Saiba mais em: [Coronavírus Brasil \(saude.gov.br\)](https://saude.gov.br) Acesso em 10/04/2023.

⁴ [Coronavírus Brasil \(saude.gov.br\)](https://saude.gov.br)

peças sendo fechados temporariamente. O trabalho remoto, ou *home office*, realizado via internet das casas das pessoas foi lançado como alternativa de trabalho em diferentes contextos, e estabelecimentos considerados não essenciais foram fechados. O contato com pessoas de fora do grupo familiar diminuiu e o uso de máscaras, higienização das mãos e utilização de álcool em gel foram recomendados pelas autoridades sanitárias do mundo todo para quando houvesse contato com outras pessoas, medidas estas que ajudaram no controle da disseminação do vírus.

No contexto educacional, as aulas presenciais nas instituições de ensino básico, médio e superior tanto públicas como privadas foram inicialmente canceladas, visto que são espaços onde há grande aglomeração de pessoas. De modo a seguir os calendários letivos as instituições de ensino adotaram o ensino remoto emergencial (ERE), em que algumas o implementaram com maior rapidez, e outras demoraram um tempo maior para retomar suas atividades neste modelo que se colocava em vigência.

Conforme relatado por Santos (2021), as primeiras atividades de ensino regulamentadas pelo Ministério da Educação tratavam a respeito do Ensino Superior. A portaria nº 343 do Diário Oficial, publicada em 17 de março de 2020, tratava a respeito da substituição das aulas presenciais por aulas em meio digital.

A UFRGS foi uma das universidades federais que levou mais tempo para retornar as atividades após as suspensões das aulas para combater a disseminação do vírus. Somente em 27 de julho de 2020 foi publicada a resolução nº 25/2020 CEPE/UFRGS que regularizou o ERE na universidade, assim, as aulas do semestre 2020/01 foram retomadas no modelo de ensino remoto emergencial no dia 19 de agosto de 2020.

O PEAC, que utiliza o espaço cedido pela UFRGS para seu funcionamento, suspendeu suas atividades presenciais no mesmo momento em que a universidade deixou de realizá-las. Apesar de ser um projeto de extensão da universidade, não precisou esperar a aprovação do CEPE para implementar o ERE no projeto, e em abril de 2020 as aulas do PEAC foram retomadas no modelo de ensino remoto emergencial

3.2 Os/as Professores/as e seus enfrentamentos pandêmicos

Esse período conturbado exigiu muitas adequações no ambiente escolar, que deixou de ser um espaço frequentado por aqueles sujeitos e se tornou um ambiente virtual, criando demandas de trabalho muito pesadas para os professores/as e os deixando extremamente angustiados, individualizados e afastados de seus colegas educadores e de seus educandos. Além de ter que enfrentar um dos momentos mais difíceis de suas vidas, preocupados com a sua saúde e de seus familiares, tiveram que adaptar sua maneira de lecionar, recriando planos de aula, aprendendo novas metodologias de ensino e formas de avaliação diferentes das utilizadas presencialmente.

Durante as aulas presenciais, os/as professores/as estavam habituados a ministrar o conteúdo a ser trabalhado, avaliando as dificuldades das turmas, tirando dúvidas quando necessário e mantendo a dinâmica que uma aula presencial costuma ter. Com a adaptação para as aulas remotas, muitos estudantes não conseguiam acompanhar de maneira síncrona as aulas e mesmo os que estavam conectados simultaneamente ao acontecimento das disciplinas, muitas vezes não tinham uma conexão ou microfone de qualidade para dialogar durante as aulas. Essas são apenas algumas poucas das dificuldades enfrentadas neste período de ensino remoto emergencial para manter uma relação de troca entre educadores e educandos.

Quando o espaço escolar deixou de ser a materialidade física das salas de aula e passou a ser um escritório, ou uma mesa em algum cômodo da casa, novos problemas surgem para os/as professores/as trabalharem suas disciplinas, pois foi preciso que os sujeitos envolvidos nesta nova trama escolar se readaptassem a essa nova realidade. Muitos professores/as acabaram fazendo uso de seus salários para investir em estrutura para lecionar uma aula minimamente boa e com condições mínimas de conectividade, como adquirir computadores, tablets e celulares mais potentes, contratar um plano de internet mais estável e veloz.

É de inteira importância ressaltar os variados relatos de adoecimento mental narrados por professores/as ao longo e após esse período de ensino remoto emergencial. Este cenário se tornou uma realidade cotidiana destes professores/as pois o distanciamento social acabou individualizando as angústias daquele momento

pandêmico, pois o contexto exigia uma grande readequação do trabalho docente, da vida familiar, da incerteza de quando seria o fim da pandemia, o medo de se contaminar ou de entes queridos se contaminarem, o empobrecimento devido ao aumento do custo de vida, etc. Estes foram apenas alguns dos motivos que levaram ao aumento das doenças mentais dentro dessa categoria de trabalhadores.

Levando em consideração o contexto vivenciado por professores/as brasileiros ao longo da pandemia da COVID-19 ressalta-se aqui a importância de registrar a percepção destes sujeitos no contexto do núcleo de Geografia do PEAC, pois também foram atravessados pelas malezas que o período histórico trouxe. Desta forma, este trabalho buscou contribuir para a produção de conhecimento a respeito do período pandêmico e do processo de transição com a retomada do ensino presencial no núcleo de professores/as de Geografia do PEAC.

4 PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO

A elaboração desse trabalho se deu em quatro etapas. Na primeira delas foi realizada uma pesquisa bibliográfica que buscou por materiais teóricos e metodológicos no intuito de embasar o presente estudo dando início a etapa 2, que diz respeito à revisão da literatura. A bibliografia coletada se deu em torno dos trabalhos de conclusão de curso que foram produzidos na UFRGS sobre o PEAC e os conceitos de Educação Popular, Cursinhos Populares, volta as atividades presenciais no período pós pandêmico entendendo as nuances de contexto histórico singular.

Após a realização da pesquisa bibliográfica voltada às coletas de materiais teóricos e metodológicos deste estudo, passou-se para realização da segunda etapa, onde foi realizada uma revisão da literatura sobre dois pontos de interesses: os trabalhos de conclusão de curso produzidos na UFRGS sobre o PEAC e a apresentação e discussão do referencial teórico da pesquisa aqui apresentada.

Na etapa 3 foi construída uma entrevista semiestruturada com intuito de investigar as diferentes experiências dos/as professores/as do núcleo de Geografia do PEAC na volta ao modelo presencial. Desta forma, a entrevista semiestruturada foi escolhida como estratégia metodológica de investigação para este estudo.

Na quarta e última etapa da pesquisa foi realizada uma discussão das entrevistas, em que o investigador buscou compreender as diferentes experiências vivenciadas pelos/as professores/as no intuito de estabelecer relações com os objetivos desse trabalho investigativo.

4.1 As entrevistas semiestruturadas

Durante a elaboração do projeto de pesquisa que resultou nesse trabalho, o autor buscou explorar os diferentes caminhos metodológicos que poderiam ser utilizados para o desenvolvimento da investigação. Foi definido que a metodologia das entrevistas semiestruturadas apresentavam maior potencialidade para obter os resultados esperados.

No livro "Como elaborar projetos de pesquisa" de Antônio Carlos Gil (2010) destaca-se como a realização das entrevistas semiestruturadas é uma das técnicas mais interessantes de serem utilizadas em pesquisas qualitativas. Ele afirma que a

entrevista semiestruturada é uma técnica que permite ao pesquisador adquirir com qualidade informações aprofundadas sobre as percepções, opiniões e experiências dos entrevistados (GIL, 2010, p. 106).

Além disso, Gil (2010, p. 110) ressalta que, na entrevista semiestruturada, o pesquisador deve atentar-se para não se limitar apenas às questões previamente elaboradas, mas deve estar atento e disponível para explorar novas ideias ou aspectos que surjam durante a entrevista. O autor destaca que a entrevista semiestruturada é uma técnica que exige habilidades do pesquisador para conduzir a entrevista de forma natural, permitindo que o entrevistado se sinta confortável para expressar suas ideias e opiniões.

Para a realização das entrevistas semiestruturadas deste trabalho o autor precisou definir quais professores/as trariam relatos mais interessantes para retratar o momento vivido pela retomada das aulas presenciais no PEAC. O foco das entrevistas foram as/os professoras/es que atuaram no PEAC no período em que estava acontecendo o ERE, e que passaram momento de transição caracterizado pela retomada das atividades presenciais no Projeto.

Para definir a seleção dos professores/as a serem entrevistados nesse estudo, o corpo docente da Geografia do PEAC foi separado em três categorias, a primeira corresponde aos professores/as que lecionaram no Projeto antes da pandemia, a segunda, são os que começaram a construir o projeto durante os anos de 2020 e 2021, assim, iniciaram no modelo de ensino remoto emergencial. E os/as professores/as que ingressaram no ano de 2022 já com aulas presenciais na maioria das turmas compõe a terceira categoria.

Dentro dessas categorias foram selecionados 4 professores/as que compõem a primeira e segunda categorias, professores/as esses, que passaram pela transição do modelo de ensino remoto emergencial para o presencial. Dois desses professores são da primeira categoria e outros dois da segunda. Os dois professores da primeira categoria hoje dividem a tarefa de coordenadores do núcleo de Geografia do PEAC e trouxeram em suas entrevistas, além das experiências em sala de aula, como estrategicamente coordenaram a readequação ao novo modelo de ensino presencial no projeto.

Na terceira etapa dessa pesquisa foram executadas as entrevistas de maneira remota, utilizando a plataforma *Microsoft Teams*, ferramenta que a UFRGS disponibiliza para a comunidade acadêmica que mantém vínculo com a universidade.

A plataforma da *Microsoft* foi escolhida pois permite a gravação das entrevistas para posterior análise e também faz automaticamente as transcrições das entrevistas.

Apesar de a plataforma realizar a transcrição automática, foi necessária uma revisão das entrevistas, pois a ferramenta apesar de ter sido muito útil para a realização desse trabalho, não é perfeita na compreensão das narrativas dos entrevistados.

Posteriormente a realização das entrevistas foi lida e assinada pelos professores/as entrevistados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que pode ser lido no Anexo I deste trabalho. Esse termo conta com os seguintes tópicos: título da pesquisa, nome do investigador e da orientadora, natureza da pesquisa, participantes da pesquisa, envolvimento na pesquisa, risco de desconforto, confidencialidade e benefícios.

A entrevista semiestruturada foi dividida em dois blocos de perguntas essenciais a serem realizadas e um extra em que foram pensadas perguntas para aprofundar assuntos importantes para a investigação, mas que só seriam usados caso esses assuntos não tivessem sido abordados nas respostas das perguntas essenciais.

Foi planejado, durante a construção das entrevistas semiestruturadas, o tempo de 30 minutos por participante, podendo passar um pouco desse prazo estipulado ou ter um tempo reduzido, visto que o tempo da entrevista não necessariamente reflete na qualidade e importância dos assuntos abordados durante a narrativa dos entrevistados.

As perguntas foram elaboradas da seguinte maneira:

BLOCO I

- 1. Qual a sua idade e onde você mora?**
- 2. Qual a sua formação acadêmica ou em qual momento da sua formação você se encontra?**
- 3. Como você conheceu o PEAC e o que te motivou a procurar o projeto para trabalhar?**

BLOCO II

- 1. Como foi a sua experiência como Professor/a no ensino remoto emergencial?**
- 2. Na sua experiência meio ao ensino remoto emergencial, quais eram as principais dificuldades?**
- 3. Com a retomada do ensino presencial no PEAC você percebeu mudanças na participação e interação com os/as estudantes em sala de aula?**
- 4. Como você avalia as mudanças nas relações entre os professores do núcleo de Geografia do PEAC?**
- 5. Você acha que a volta ao modelo de ensino presencial potencializou o caráter de Educação Popular no núcleo Geografia do PEAC?**
- 6. Você quer acrescentar algo que considera importante e não foi falado ao longo desta entrevista?**

EXTRAS

- 1. De que forma mudou a preparação e a execução das aulas do ensino remoto para o ensino presencial?**

5 REVISÃO DA LITERATURA

Este capítulo apresentará a revisão da literatura do estudo sob dois pontos de interesses: os trabalhos de conclusão de curso produzidos na UFRGS sobre o PEAC, seguido da apresentação e discussão do referencial teórico que o embasa.

5.1 Mapeamento dos Trabalhos de Conclusão de Curso sobre o PEAC

Neste capítulo apresento uma revisão da literatura realizada no LUME^[1], repositório de acesso às coleções digitais produzidas pela UFRGS^[2], ao longo do semestre letivo de 2022/02 (Ano 2023). Este levantamento bibliográfico teve como objetivo mapear os trabalhos de conclusão de curso realizados na UFRGS sobre o Projeto Educacional Alternativa Cidadã (PEAC), no recorte temporal compreendido entre os anos de 2010 e 2022, ou seja, durante os últimos doze anos de existência deste cursinho popular voltado ao vestibular e ao ENEM.

A escolha pelo LUME como repositório digital utilizado como fonte de pesquisa neste levantamento bibliográfico, se deu por conta de que o PEAC é um cursinho popular vinculado como um projeto de extensão da UFRGS. Assim, entendeu-se que o LUME é um espaço de concentração de produções de integrantes dos núcleos de Professores/as atuantes no PEAC que se graduaram na UFRGS.

A pesquisa no LUME foi realizada a partir da inserção do termo 'PEAC' no espaço de busca com o nome 'título', foi selecionada a opção 'trabalho de conclusão de curso' na área 'tipo' e filtrado os trabalhos desde 2010 até o ano de 2022. Utilizando esses filtros de busca foram localizados dois trabalhos de conclusão de curso que se debruçaram sobre o tema.

Nos doze anos compreendidos pelo recorte temporal explorado pelo levantamento bibliográfico, o LUME indicou a existência de um total de dois TCCs em que os autores optaram pelo PEAC como espaço de investigação em educação. Os dois trabalhos encontrados serão mencionados neste TCC com o objetivo de mapear, brevemente, o que vem sendo produzido por estudantes de graduação da UFRGS em TCCs sobre o PEAC.

O recorte temporal utilizado não engloba os 23 anos de história que o projeto já percorreu, pois como esse é um trabalho de conclusão de curso, e o tempo curto

para desenvolvê-lo não permitiu que o autor buscasse englobar as produções que possam ter sido feitas durante os primeiros anos do projeto. Mesmo assim, a importância de pesquisar sobre o PEAC, projeto que já aprovou milhares de estudantes no ensino superior, fica explícito pois há apenas dois trabalhos produzidos sobre a temática nos últimos doze anos.

O primeiro trabalho levantado intitula-se “Projeto Educacional Alternativa Cidadã - PEAC: reflexões sobre uma experiência de ensino”, sendo de autoria de José Humberto Martins e defendido no ano de 2010. O trabalho apresenta o relato de uma prática de ensino que visa a refletir sobre o Ensino de Língua Portuguesa e alguns princípios metodológicos para o seu ensino/aprendizagem. Além disso, Martins (2010) também aborda os princípios metodológicos para ensino/aprendizagem, baseado na experiência de seis anos como professor no projeto e a mudança de postura com o passar dos anos de vivência e estudos sobre a educação e o ensino de língua portuguesa. O relato evidencia a necessidade de o professor refletir sobre sua prática de ensino para desenvolver sua formação enquanto educador, dando importância ao contexto social de seus educandos. O trabalho se baseia principalmente nas produções de Paulo Freire e Vygotsky.

O segundo e último trabalho encontrado é de autoria de Ericson da Silva Sanceveriano, e foi o mais recentemente produzido, no ano de 2022, na área da Geografia. O trabalho em questão visou refletir sobre a prática docente no PEAC durante a graduação e atuação na construção de uma identidade docente. O autor utilizou o método (auto)biográfico e produziu a trajetória de três professoras de Geografia que em diferentes momentos da graduação estiveram construindo o PEAC. Sanceveriano (2022) apresenta o PEAC no contexto da educação popular no Brasil através da análise das narrativas. O trabalho está estruturado sobre a perspectiva de três temáticas, a experiência docente no PEAC, a análise desta experiência através do método definido previamente e o resultado desta experiência na identidade docente. O autor encerra refletindo sobre as potencialidades da prática docente exercida no PEAC, a importância da construção coletiva desse espaço de educação popular e a valorização do sujeito educador como mediador no processo de aprendizagem.

Mediante os dois trabalhos de conclusão de curso levantados na revisão de literatura ao longo de doze anos, fica evidente a escassez de estudos sobre o PEAC dentro de cursos de graduação da UFRGS. O diminuto número de TCCs encontrados

na revisão é compreendido nesta pesquisa como uma problemática que justifica a consolidação deste trabalho, especialmente se tratando de uma pesquisa que busca registrar um período singular de pandemia da Covid-19 vivenciados nos últimos anos no mundo.

5.2 Aproximações entre Educação Popular e cursinhos populares preparatórios para ingresso no Ensino Superior

Neste capítulo se debruçou a estabelecer uma aproximação teórica dos assuntos abordados na elaboração desse trabalho de conclusão de curso a fim de dialogar com autores/as que pesquisam o campo da Educação em uma perspectiva popular, como por exemplo Freire (1987), ZITKOSKI, HAMEES e HAMMES (2021) e SIMÃO; SILVA NETO; TORRES, (2020).

Os temas que movimentam as reflexões aqui desenvolvidas orbitam os seguintes assuntos: Educação Popular, relatos docentes de professores/as de Geografia na retomada das atividades presenciais de cursinhos populares no período marcado pelo fim da estratégia de distanciamento social referente à pandemia da Covid-19 e acesso de estudantes trabalhadores à educação superior.

Freire (1987) cunhou a noção de educação bancária para denunciar a forma enquanto método escolar de perpetuação da hegemonia capitalista de dominação da classe burguesa sobre a trabalhadora. Atualmente ainda é possível observar a intensificação dessa noção teórica e metodológica de pensar e desenvolver a educação em diferentes espaços e de diferentes maneiras, como por exemplo, a concepção educacional da Base Nacional Comum Curricular e a reforma do Novo Ensino Médio, além do alto repasse de verbas do Estado para o financiamento da iniciativa privada na educação, mecanismos estes que contribuem fortemente para a precarização das escolas públicas brasileiras. Sobre os interesses do setor privado sobre as verbas públicas destinadas à educação, Giroto aponta que:

Além do Banco Mundial, duas entidades representantes do setor empresarial brasileiro estão na frente da defesa da BNCC. Trata-se do movimento “Todos pela Educação”, capitaneado pelos Grupos Itaú, Gerdau e Fundação Roberto Marinho e da “Fundação Lemann”, do empresário brasileiro Jorge Paulo Lemann. O que une estes dois grupos é a difusão de uma concepção empresarial de educação, pautada no discurso do capital humano e na relação simplista entre desenvolvimento da educação e crescimento econômico. (GIROTTO, 2017, p.435).

A concepção de Educação Popular que inspira este trabalho se baseia em uma lógica educacional contrária à neoliberalização, com compromissos de classe diferentes da educação tradicional, ou bancária. Freire nomeia de educação problematizadora este movimento de comprometer-se enquanto educadores/as e professores/as com a transformação da sociedade tendo como horizonte o fim das

injustiças sociais. Estas são as ideias propostas por Freire, em que o desenvolvimento e consolidação de suas práticas educativas foram desafiadoras do regime ditatorial brasileiro, que levou o educador, militante e pesquisador à sua prisão e posteriormente ao exílio em diferentes países.

Deste modo, a prática “bancária”, implicando no imobilismo a que fizemos referência, se faz reacionária, enquanto a concepção problematizadora que, não aceitando um presente “bem-comportado”, não aceita igualmente um futuro pré-dado, enraizando-se no presente dinâmico, se faz revolucionária. (FREIRE, 1987, p.47).

Freire (1987) aponta a educação popular como uma das formas de enfrentar o sistema hegemônico neoliberal, não a entendendo como única estratégia de confronto do capitalismo, mas como uma das estratégias de armar os oprimidos no sentido de sua emancipação. A tomada de poder pelos trabalhadores é vista por Freire (1987) como caminho necessário para extinguir a educação bancária. Os trabalhos educativos entre os oprimidos, sejam eles educandos ou educadores, fazem parte do processo de organização deste confronto do capital.

Ainda que não queiramos antecipar-nos, poderemos, contudo, afirmar que um primeiro aspecto desta indagação se encontra na distinção entre educação sistemática, a que só pode ser mudada com o poder, e os trabalhos educativos, que devem ser realizados com os oprimidos, no processo de sua organização. (FREIRE, 1987, p.27).

Em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (1987), Freire propõe a dinamização dos conhecimentos através de um diálogo crítico e humanizador, utilizando um tema gerador que tensiona o pensamento entre o saber já construído e o que está em construção. Esses temas geradores são essencialmente interdisciplinares, desde a pesquisa dos vocabulários utilizados pelos educandos, até as discussões travadas em sala de aula, por exemplo.

Para o autor a construção de novos conhecimentos e a reconstrução dos já adquiridos ao longo da vida dos educandos necessita da problematização, da dialética do saber popular (empírico) e do saber científico (sistemático) para que consigam atingir a consciência crítica. O papel designado ao educador popular é

estar constantemente desafiando seus educandos para a construção dessa consciência crítica.

É por esse motivo que a pedagogia freiriana propõe o tema gerador enquanto método que estimula a curiosidade, provoca o debate, prioriza a problematização dos saberes já constituídos histórica e socialmente pelos seres humanos situados em um mundo concreto, conflituoso e contraditório. (ZITKOSKI, HAMEES e HAMMES, 2021, p. 09).

O acesso ao ensino superior no Brasil sempre foi um privilégio reservado para a elite branca brasileira, pois essa é uma das maneiras de perpetuação do poder e do controle das classes oprimidas. Os cursos pré-vestibular populares que se espalharam pelo país, principalmente a partir da década de 90, são espaços acolhedores para os estudantes que não conseguem arcar com os altos custos e que almejam ingressar no ensino superior, pois estes cursos preparatórios são geridos em sua maioria por grupos privados da educação. Os pesquisadores Simão; Silva Neto, Torres (2020) e Castro, Barreiro (2022) ressaltam sobre essa temática que:

[...] dois principais fatores que explicam esse contexto. Primeiramente, as políticas mercantilistas do ensino superior, sobretudo a partir da grande expansão das instituições na década de 1990, fortaleceram o setor privado, que hoje detém aproximadamente 90% das instituições e, por conseguinte, os 75% das matrículas, segundo dados do Censo da Educação Superior de 2019. Além disso, os dados nos permitem verificar uma inversão na trajetória escolar das classes sociais: enquanto a classe trabalhadora realiza o ensino básico (quando não interrompido) em escolas públicas e o ensino profissionalizante (de nível técnico) ou superior em instituições privadas, a burguesia e a classe média têm o ensino básico completo em escolas privadas, possibilitando o ensino superior nas universidades públicas (SOUZA, 2012) (SIMÃO; SILVA NETO; TORRES, 2020, p.64)

O Estado, por meio da educação, mantém e difunde o conhecimento tradicional e o controle social, perpetuando a ideologia e a cultura hegemônicas. Os cursos pré-vestibulares acabam repetindo esses ideários, no sentido de prepararem os estudantes para os certames, a fim de que se formem, adquiram uma profissão e se tornem consumidores. O autor reconhece este dilema, no entanto, exemplifica que os cursos populares difundem “conhecimentos que permitam aos alunos desvelar os processos de exploração e exclusão que os põem em condição social desfavorável na sociedade, forjando assim uma consciência livre” (ALMEIDA, 2010, p. 24). (CASTRO; BARREIRO, 2022, p.241)

Os cursinhos pré-vestibular populares são locais majoritariamente compostos por professores/as que se graduaram recentemente em diferentes áreas das Licenciaturas, ou que estão ainda concluindo seus cursos de graduação no campo da

formação de professores. Também existem casos de professores/as com uma trajetória mais longa na docência, ou estudantes de bacharelado que pretendem migrar para a área da educação. Os professores ao iniciar suas práticas pedagógicas nesses cursos acabam por transformar e serem transformados pelos estudantes, numa relação em que todos caminham para se tornarem cada vez mais críticos e rebeldes na luta pela melhoria das condições de suas vidas.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico do PEAC, o projeto segue a linha da Educação Popular, que no Brasil há décadas é construída por diversos professores/as comprometidos com a transformação da sociedade, influenciando diretamente na melhoria da educação brasileira e na transformação da vida dos trabalhadores oprimidos desse país. Neste sentido, o PPP ressalta que o projeto compreende a Educação Popular:

[...] por meio de uma perspectiva freireana, em que a educação popular é aquela feita pelo povo e voltada ao povo, sendo o povo os sujeitos oprimidos da nossa sociedade: trabalhadores, mulheres, negros. O compromisso da educação popular é com a busca da liberdade dos oprimidos através da tomada de consciência da sua realidade. Com esse entendimento, luta-se pela transformação da realidade concreta, abandonando uma postura passiva diante da violência do dominador. A tomada de consciência da realidade dos estudantes se dá através da ajuda dos educadores comprometidos com a libertação dos oprimidos. Os educadores devem valorizar os conhecimentos cotidianos dos alunos e suas vivências, para assim poderem aliar esses saberes da experiência aos conhecimentos acadêmicos que possuem, permitindo assim uma melhor leitura da realidade pelos seus alunos. (Projeto Político Pedagógico do PEAC, p.1).

A Educação Popular no PEAC se dá a partir da construção coletiva dos membros dos espaços pedagógicos, a participação política dos professores/as, estudantes, familiares e de toda a comunidade por meio do diálogo crítico. O projeto propõe ao longo do ano letivo diferentes maneiras de exercer essas práticas educacionais. Sanceveriano (2022) ressalta em seu trabalho que:

O PEAC luta e sempre lutará pela inclusão social. Nossa luta se dá pelo acesso e permanência no ensino superior, não é para que todos pensem da mesma forma e, sim, para que todos possam exercer sua cidadania plena. Para isso, além das aulas regulares, desenvolve-se atividades das quais buscam esse exercício tanto dos educadores como dos educandos. Algumas atividades são as aulas extras feitas no sábado, nas quais as disciplinas já desenvolveram, por exemplo, saídas de campo, idas ao cinema, aulas interdisciplinares e debates no denominado "Chá com Ciência", no qual uma

disciplina é convidada para debater um tema específico com os alunos (SANCEVERIANO, 2022, p.19)

Esta concepção educacional que diferencia os cursos pré-vestibular tradicionais do PEAC é presente também nos demais cursos pré-vestibular populares do Brasil. A luta pela inclusão social, pela permanência dos estudantes nas universidades, pela construção da criticidade e com horizonte final, a emancipação dos oprimidos não seria possível de ser construída se os cursos pré-vestibular populares almejassem alcançar apenas a demanda imediata da aprovação no vestibular. A respeito das estratégias educacionais dos cursinhos populares Simão, Silva Neto e Torres (2020) ressaltam que:

Outro aspecto que diferencia os cursinhos populares e alternativos dos demais é a preocupação com a formação política dos alunos. Por atenderem a uma população historicamente excluída do Ensino Superior (em especial, o público), esses cursinhos trabalham ao longo do ano letivo com atividades que ultrapassam os conhecimentos cobrados pelos grandes vestibulares do país, e focam questões políticas ligadas ao contexto social em que tais grupos se encontram imersos, como, por exemplo, discussões sobre permanência estudantil, cotas sociais e raciais, reformas na educação pública básica e superior, entre outros. (SIMÃO; SILVA NETO; TORRES, 2020, p.65)

Esta pesquisa se debruçou na tentativa de compreender teoricamente a relação entre a concepção de Educação Popular que norteia o PEAC e a forma de mobilização dessas práticas docentes no campo dos cursinhos de pré-vestibular populares.

Em suma, a educação popular e os cursinhos pré-vestibulares populares dialogam por meio de uma visão crítica e democrática ao longo do complexo processo de ensino e aprendizagem, buscando valorizar a cultura popular e as diversas formas de conhecimento, tornando possível a formação de sujeitos autônomos, críticos e conscientes de seu papel na sociedade. Como já ressaltado anteriormente, os espaços de luta dos comprometidos com a democratização do Ensino Superior foi atravessado no ano de 2020 pela pandemia da Covid-19, que exigiu uma reorganização das práticas de ensino.

Em relação as políticas de biossegurança no enfrentamento a pandemia e no que diz respeito a educação, podemos observar que, os anos de 2020 e 2021 foram marcados pelo afastamento social, importante mecanismo de combate a disseminação da Covid-19. Para a o campo da educação esse afastamento acarretou

a necessidade de rever as práticas educacionais e exigiu muito esforço de todos os profissionais e da comunidade escolar para manter o ensino de qualidade.

Na Geografia o afastamento foi um fator ainda mais problemático do que nas outras matérias, pois para fazer debates em torno de questões geográficas é muito importante estabelecer relações entre os conteúdos a serem desenvolvidos com os espaços experimentados pelos educandos. Sobre o ensino de Geografia, Cavalcanti (2005) destaca:

Em suas atividades diárias, alunos e professores constroem geografia, pois ao circularem, brincarem, trabalharem pela cidade, pelos bairros, constroem lugares, produzem espaço, delimitam seus territórios: vão formando, assim, espacialidades cotidianas em seu mundo vivido e vão contribuindo para a produção de espaços geográficos mais amplos. Ao construir geografia, eles também constroem conhecimentos sobre o que produzem, que são conhecimentos geográficos. Então, ao lidar com as coisas, fatos, processos na prática social cotidiana, os indivíduos vão construindo e reconstruindo uma geografia e um conhecimento dessa geografia. (CAVALCANTI, 2005, p. 33-34)

Essa pesquisa não teve como objetivo focar suas problematizações no modelo de ensino remoto emergencial, mas se interessou em refletir sobre como os professores/as que participaram das entrevistas semiestruturadas perceberam as mudanças de suas aulas durante o período remoto e o que esse momento tão difícil que foi enfrentando trouxe de mudanças na retomada as aulas presenciais, havendo um esforço para entender as singularidades do período atual em relação ao período anterior à pandemia da COVID-19.

Pela característica da pandemia não ter sido um acontecimento planejado nem esperado pelos espaços de ensino, a adaptação e as experiências vividas pelos que participaram desse processo torna-se um espaço importante de reflexão e de desenvolvimento de estudos. Durante a escrita desse trabalho já se passaram três anos desde o início dessa situação pandêmica, desta forma, foi possível encontrar trabalhos desenvolvidos que buscaram refletir sobre tal contexto, como a produção de Moreira (2020), que diz:

Essa foi uma fase importante de transição em que os professores se transformaram em youtubers gravando vídeo aulas e aprenderam a utilizar sistemas de videoconferência, como o *Skype*, o *Google Hang out* ou o *Zoom* e plataformas de aprendizagem, como o *Moodle*, o *Microsoft Team* ou o *Google Classroom*. No entanto, na maioria dos casos, estas tecnologias foram e estão sendo utilizadas numa perspectiva meramente instrumental, reduzindo as metodologias e as práticas a um ensino apenas transmissivo. (MOREIRA, 2020, p. 352)

É importante ressaltar que o modelo de ensino a distância (EAD) é uma modalidade diferente da utilizada durante a adaptação que a pandemia exigiu. O Ensino Remoto Emergencial que foi implementado de maneira rápida e com pouca capacitação dos professores/as, se difere da metodologia e das práticas utilizadas por cursos que surgem diretamente no modelo de ensino à distância.

No ano de 2022 a maioria das instituições de educação básica e ensino superior já haviam retornado ao modelo presencial. Por ser algo recente na história da educação brasileira, e devido à complexidade de produzir estudos, trabalhos, dissertações e teses, poucos referenciais foram encontrados sobre as percepções dessa retomada ao presencial, especialmente no que diz respeito à perspectiva da educação popular nesse contexto, pois é menor ainda o número de trabalhos produzidos. Neste sentido, há nesta lacuna uma justificativa sobre a importância deste trabalho de conclusão de curso. Sobre esta lacuna Santos (2021) ressalta que:

Trouxemos as primeiras percepções sobre a retomada para o ensino presencial, mas existe ainda um campo a ser percorrido com novas investigações para compreender como a pandemia modificou os professores e quais são os seus impactos na retomada das aulas presenciais. A partir de agora, abre-se um campo de estudos para entender os momentos antes, durante e depois da pandemia e os seus possíveis desdobramentos. Há esperança de que novas práticas propiciem uma nova forma de educação. (SANTOS, 2021, p. 52)

6 PROFESSORES/AS RELATAM A RETOMADA DAS AULAS PRESENCIAIS

Neste capítulo serão apresentados os relatos produzidos pelos professores/as de Geografia do PEAC nas entrevistas semiestruturadas que foram realizadas ao longo de março de 2023. No momento em que as entrevistas foram realizadas, o núcleo de Geografia do PEAC iniciava sua preparação para o segundo ano de ensino presencial após o início da pandemia da COVID-19. É importante ressaltar de antemão que os professores/as entrevistados relataram nas entrevistas que ao final do ano de 2022 fizeram uma reunião de avaliação do ano letivo, e este encontro ajudou o grupo a realizar um balanço de como foi a retomada ao ensino presencial no núcleo que auxiliou a compreender o momento que esta pesquisa se pôs a analisar.

O primeiro bloco de perguntas se debruçou a compreender quem são os professores/as entrevistados e suas motivações para aproximação com o PEAC. É interessante ressaltar também que chamou atenção ao analisar as entrevistas que três dos quatro entrevistados foram alunos do PEAC antes de entrar na graduação e relataram que o Projeto influenciou na decisão de se tornarem professores de Geografia.

Também quando questionados sobre como conheceram o Projeto, dois dos entrevistados relataram que familiares já tinham sido alunos/as e os indicaram o PEAC, já que buscavam a aprovação no vestibular, mas não tinham condições financeiras para arcar com o alto custo dos pré-vestibulares particulares.

6.1 As dificuldades docentes durante o ERE e suas percepções no retorno ao presencial

Ao realizar as entrevistas e posteriormente analisá-las, nota-se que os relatos dos professores/as de Geografia do PEAC são muito singulares, pois cada professor/a vivenciou a pandemia de uma maneira única, com momentos de medo, angústia, realizações e conquistas. Mas alguns pontos comuns chamaram a atenção do investigador pelas aproximações e similaridades dos relatos.

Quando questionados sobre a experiência durante o ensino remoto emergencial que foi implementado no projeto durante os anos de 2020 e 2021, estão presente nas falas de todos/as os professores/as entrevistados a dificuldade para a

adaptação neste novo modelo de aulas, principalmente no que diz respeito a falta de interação dos estudantes com os professores/as.

Para descrever esses dois anos de experiências, adjetivos como desafiador, desgastante, cansativo e insegurança estão presentes com frequência nos relatos considerados. Mesmo assim, enfrentando essa grande dificuldade, para eles, esse período também serviu como ensinamento, pois os mesmos relatam que hoje se sentem mais preparados para o futuro enquanto docentes, afinal, enfrentaram esse momento tão difícil sem demover do que acreditam, que é a Educação Popular como forma de enfrentamento às injustiças sociais.

O objetivo maior do Projeto é auxiliar no ingresso e permanência de estudantes oriundos das classes mais desfavorecidas da sociedade brasileira nas universidades, especialmente as públicas. Entretanto, conforme já abordado anteriormente ao longo da escrita desse trabalho, o PEAC se propõe a construir uma Educação Popular que vá além da aprovação no vestibular.

Analisando o discurso dos entrevistados é perceptível que os mesmos entendem que as aulas realizadas à distância se tornaram mais conteudistas, assim como os debates sobre cidadania, política e outras questões sociais, que perderam o espaço de diálogo aberto devido ao desgaste que o momento ocasionou. Na percepção de um dos entrevistados, esse pode ser um dos motivos que contribuiu para a grande evasão de alunos ao longo dos anos de 2020 e 2021.

As aulas que inicialmente eram gravações e posteriormente se tornaram transmissões ao vivo pela plataforma *Google Meet*, não conseguiram atender as necessidades individuais dos estudantes, segundo os entrevistados, pois não foi possível acompanhá-los individualmente da maneira como ocorria durante os anos anteriores ao distanciamento social. Esta questão impossibilitou que o PEAC pudesse procurar os estudantes que desistiram do projeto em meio ao duro caminho que a pandemia impôs à vida dos alunos.

Outro fator muito presente nos relatos dos professores/as, foi a dificuldade na utilização de diferentes recursos e metodologias durante as aulas remotas, pois a não possibilidade de utilizar o quadro da sala de aula, os mapas impressos, o globo terrestre e outros recursos que os professores/as estavam acostumados a usufruir para a execução das aulas, foi relatado como um grande desafio desse momento.

O ano de 2022 marcou a volta ao modelo de ensino presencial no PEAC, pois a UFRGS aprovou o mesmo, possibilitando o Projeto de retomar suas atividades

utilizando inicialmente as salas de aula do Instituto de Física e posteriormente as do Instituto de Letras, que passou a ceder posteriormente seu espaço. Esse momento, segundo o relato dos professores, era muito esperado por toda comunidade que compõe o projeto, seja os professores/as, coordenadores/as, bolsistas e estudantes.

Durante a análise das entrevistas dos professores/as, ficou evidente que o momento da volta às aulas presenciais era de euforia, pois as falas dos professores/as se apresentaram marcadas por um turbilhão de emoções. Há nas narrativas uma ressignificação do que é o Projeto, do que é ser professor/a, o fortalecimento da vontade de ministrar aulas no modelo presencial e o que chama muita atenção é a emoção presente nas falas quando dois dos entrevistados relatam que *“parece que a esperança voltou”* e que houve um fortalecimento e anseio na vontade de construir o Projeto coletivamente.

O principal ponto considerado positivo pelos professores/as com o retorno ao presencial é a relação que conseguem construir em sala de aula com os estudantes. Conseguir olhar no olho dos estudantes é relatado como essencial para conseguir estabelecer trocas com o grupo, entender suas dificuldades, conseguir intervir e melhorar as explanações durante o andamento da aula. Inclusive, os entrevistados relatam que a possibilidade de acompanhar de perto a situação de cada estudante possibilitou retomar o combate a evasão do Projeto.

A reaproximação em sala de aula permitiu a observação por parte dos docentes das sequelas que os dois anos de distanciamento social causaram nos estudantes e no projeto como um todo. Houve relatos de conflitos entre os alunos, casos de crise de pânico e ansiedade em sala de aula, outros incidentes relacionados a saúde mental, como depressão, dificuldades em dividir o espaço com os colegas, estudantes muito agitados, conversas mais frequentes do que o normal e dificuldade dos estudantes em se concentrar na aula. Esses foram um dos motivos que levou o PEAC a criar um núcleo com profissionais da área da Psicologia, com o intuito de ajudar e acompanhar essas situações que estavam ocorrendo, e a prevenir novas de surgirem.

Esse período de readaptação com a retomada do ensino presencial, mostrou que este modelo tal qual como se colocava naquele momento não era igual ao presencial já conhecido pelos professores/as, até porque a pandemia não tinha chegado ao fim e o medo de se contaminar com a COVID-19 ainda era uma realidade

presente, principalmente durante as primeiras aulas, onde ainda havia a obrigatoriedade do uso das máscaras.

Os professores/as precisaram rever e estudar sobre novas metodologias de planejamento de aula, pois observaram que havia uma necessidade maior de interagir com diferentes linguagens, buscando na música, arte, literatura, cinema, esporte e outros assuntos que permeiam a vida dos estudantes. Assim, os professores/as buscaram potencializar as aulas de Geografia permeando as aulas com estas diferentes linguagens e perceberam que as aulas ficaram mais instigantes aos estudantes, pois observou-se que a interação com os alunos nas aulas foi melhorando à medida que as aulas foram sendo repensadas pelos professores/as de Geografia.

6.2 As mudanças no Núcleo de Geografia com o retorno das atividades presenciais

Durante os anos de ensino remoto emergencial, houve uma renovação no quadro de professores/as de Geografia no projeto, então era comum que os professores se conhecessem apenas de maneira remota, dificultando a construção de relações mais profundas e também de trocas pedagógicas no âmbito do PEAC. Os professores/as entrevistados relatam que o momento foi de muita dificuldade para manter o grupo ativo e instigado na construção de um Projeto de Educação Popular.

As reuniões aconteciam com menos frequência e muitas vezes serviam apenas para dividir conteúdos e organizar a agenda dos professores/as do PEAC. Os entrevistados trazem adjetivos como *maçantes*, *horríveis* e *cansativas* para descrever essas reuniões. Uma das maneiras que encontravam para manter viva a esperança na Educação Popular e a motivação dos colegas nesse momento, eram os relatos que os professores/as mais antigos do PEAC traziam sobre como era o Projeto antes da pandemia. Assim, resgatavam de maneira oral como eram as reuniões, as relações entre professores/as dos diversos núcleos do projeto, os eventos organizados, a relação com os alunos e os momentos de comemoração mediante a aprovação dos vestibulandos.

Os entrevistados relataram que durante o período à distância, todos se sentiam exaustos, então, quando tentavam fazer debates mais complexos e aprofundados, não conseguiam realizá-los da maneira que esperavam, e essa constatação gerava um sentimento grande de frustração entre os professores/as. Naquele momento, os entrevistados avaliam que os professores/as não tinham condições emocionais para

realizar esses debates, também relatando que tinham dificuldade de dialogar durante as chamadas *on-line*, pois havia o receio em discordar de um colega durante uma fala ou ser mal compreendidos por conta do diálogo mediado pelas plataformas.

A tão aguardada volta ao modelo de ensino presencial no que tange as relações entre os professores/as do núcleo de Geografia do PEAC é unanimemente avaliada como valorosa pelos professores/as entrevistados. Esta retomada possibilitou inicialmente que muitos colegas se conhecessem e avançassem no desenvolvimento de suas relações enquanto grupo de trabalho, mas também enquanto docentes engajados em um mesmo projeto político e pedagógico de transformação social. A melhora da união e interação do grupo foi relatada como ponto positivo por todos os entrevistados.

Esse salto de qualidade no núcleo relatado pelos professores/as entrevistados sobre os impactos que reuniões presenciais ocasionaram, possibilitaram que iniciativas do modelo presencial fossem retomadas e atualizadas para suprir as novas demandas que o momento do projeto demandava.

Houve a retomada da construção coletiva de aulas aos sábados que haviam sido descontinuadas pelo núcleo durante o modelo de ensino remoto emergencial. Essas aulas eram propostas para se constituírem como diferenciadas das aulas regulares que acontecem durante a semana, tendendo a um caráter não convencional e abordando assuntos escolhidos pelos professores/as como educação antirracista, temáticas de gênero e sexualidade e outros assuntos que são considerados importantes pelo coletivo no contemporâneo.

Outra estratégia de organização coletiva relatada é a de tornar o núcleo de Geografia um espaço de formação de professores/as populares, uma maneira de debater assuntos que muitas vezes o currículo de Licenciatura em Geografia não aborda com a demora necessária. Segundo os entrevistados isso aconteceu de duas maneiras, primeiramente tendo momentos que possibilitaram durante as reuniões do núcleo espaços de relatos de experiência, de como estava acontecendo a volta ao presencial, principalmente dos professores/as que estavam vivenciando suas primeiras experiências enquanto docentes, mas também dos professores/as que já tinham uma caminhada enquanto educadores.

Houve também para potencializar essa estratégia de ser um espaço de formação de professores/as, a organização de textos e materiais audiovisuais que eram divulgados com antecedência e debatidos coletivamente durante as reuniões.

Alguns dos entrevistados avaliam que essas formações aconteceram poucas vezes ao longo do ano, mas ponderam que foi um ano muito difícil de readaptação de todos.

Por fim, pode-se dizer que a volta das reuniões presenciais potencializou o núcleo e a coletividade de seus integrantes, sendo estas ações responsáveis pelo salto de qualidade nos aspectos mencionados acima, conforme podemos perceber no relato de um dos professores entrevistados:

“E então a volta do presencial é justamente essa possibilidade de a gente fazer as nossas reuniões e poder planejar as coisas, poder conversar sobre como as aulas estão sendo, né? Como está sendo a relação com os alunos, e o que que a gente quer fazer.”

6.3 A potência da Educação Popular no núcleo de Geografia do PEAC

Manter um projeto de Educação Popular durante o período da pandemia da COVID-19 se mostrou um importante ato de resistência, visto que o ensino remoto emergencial implementado nesse período, na Educação Básica por exemplo, aprofundaram-se as desigualdades sociais. Os estudantes que estavam concluindo o Ensino Médio em escolas públicas já concorrem em situação de normalidade de maneira desigual em relação aos estudantes de escolas privadas, que têm acesso a melhores condições de vida e de ensino. A pandemia da COVID-19 exponenciou as muitas distâncias entre essas diferentes e profundas realidades.

Um dos professores/as entrevistados relata que havia uma imensa preocupação do PEAC em perder seu caráter de Educação Popular, visto que muitos estudantes estavam com dificuldades de acompanhar o ERE, seja por problemas com internet, acesso a recursos tecnológicos ou pela precarização da vida que a classe trabalhadora vivenciava no momento. Um dos entrevistados relata a necessidade de *“ter um computador, ter um celular, ter internet e ter um fone de ouvido até para te poder falar. Muitas vezes a pessoa não podia nem falar na aula porque não tinha um fone”*.

Como mencionado em subcapítulos anteriores, a avaliação dos entrevistados é que a volta ao modelo presencial impactou de maneira positiva, e neste ponto os professores/as entrevistados que atuam no projeto são unânimes. Em relação a retomada ao ensino presencial e o impacto deste retorno no que diz respeito ao fortalecimento do caráter de Educação Popular no PEAC, os entrevistados também são unânimes em afirmar os variados benefícios desse momento.

A Educação Popular é um campo amplo de pesquisa na ciência brasileira e mundial, tendo como grande referência os estudos e publicações de Paulo Freire. Na atualidade, a noção de Educação Popular é abordada por diversos autores e de maneiras singulares, muitos deles dialogando com Freire e ampliando os conhecimentos desta área. Analisando as entrevistas é possível perceber que mesmo que todos os professores/as entrevistados façam parte de um mesmo coletivo que constrói uma educação de caráter popular, as visões e compreensões a respeito desta são diferentes.

Um dos entrevistados fala sobre como as reuniões presenciais e a relação entre os novos professores/as e os mais antigos vêm moldando a Educação Popular no núcleo de Geografia. Um dos entrevistados, que é professor há anos no grupo, relata que no momento têm sido muito importante as trocas que estão acontecendo durante a construção coletiva das aulas regulares e das aulas aos sábados. Para ele, em um espaço onde há uma grande rotatividade de professores/as, a prática, para além do discurso é essencial para manter viva a luta por uma Educação Popular. Essa prática tem acontecido de maneira fortalecida na retomada do ensino presencial e é enriquecedora tanto para os mais novos docentes quanto para os professores/as antigos.

Entre os entrevistados o momento que se destaca no ano de 2022, é a construção e execução de uma saída de campo no centro de Porto Alegre. Naquele momento um dos espaços visitados foi o “Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre” que buscou estabelecer diálogo com temáticas de Geografia Urbana. Na avaliação dos entrevistados esta saída de campo realizada em um sábado só foi possível de ser organizada devido ao retorno das reuniões presenciais do núcleo. Alguns relatos sobre o momento desta saída de campo mostram a importância da presencialidade para a construção de um espaço pedagógico pensado no e para o coletivo:

“[...] acho que a gente teve outras, mas eu acho que é que mais se caracterizou mesmo pelo que a gente quer. Foi a saída de campo dos territórios negros de Porto Alegre [...] então essa aula de sábado, por exemplo, ela, ela faz com que essa ideia de Educação Popular vá passando, né? De professores para outros, e aí esses novos professores, talvez daqui a um tempo, sejam os novos coordenadores e aí eles que vão construir isso para os novos. É, eu acho isso muito interessante dos cursinhos populares, a gente se constrói assim de uma maneira muito autônoma [...]”.

Durante a retomada ao ensino presencial e a volta das reuniões presenciais, os entrevistados relatam que houve momentos para realização de formações

docentes, com debates/estudos de textos e diálogo sobre as compreensões do que é Educação Popular. Segundo os entrevistados uma das maneiras de potencializar o caráter de Educação Popular do Projeto, foi a organização desses debates e formações, momento pedagógico em que um dos textos citados foi a releitura do PPP do PEAC que traz as bases da Educação Popular do Projeto.

A reaproximação com os estudantes que a retomada ao presencial trouxe não foi qualitativa somente em relação a dinâmica em sala de aula. As trocas nos corredores, no *campus* do vale e na sede do PEAC potencializaram os debates politizados sobre os acontecimentos da vida do coletivo de estudantes, professores/as e coordenadores/as. Segundo um dos entrevistados falar sobre Educação Popular é sobre identificar a revolta, compartilhar ela, se politizar, se conscientizar e oferecer isso ao outro, e isso não ocorre sem troca de olhares, gestos, interações humanas. Por fim, outro entrevistado complementa neste sentido afirmando que compartilhar sonhos e angústias potencializa a Educação Popular.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os cursinhos pré-vestibulares populares estão presentes em todas as regiões do país e são espaços que reúnem educadores populares e outros que acreditam na democratização do Ensino Superior, iniciativas docentes que oferecem a oportunidade de uma melhor preparação para as provas do ENEM e vestibulares para estudantes que não conseguem pagar os altos custos dos cursinhos preparatórios privados.

O PEAC, assim como outros cursinhos similares, acredita na proposta pedagógica Freireana como caminho para combater injustiças sociais, tendo como objetivo principal a aprovação de estudantes das classes sociais desfavorecidas no Ensino Superior, e como horizonte final a superação das injustiças sociais e a construção de uma sociedade onde os oprimidos são emancipados de suas correntes.

Diante disso, esse trabalho buscou compreender como a Educação Popular se adaptou durante o período do Ensino Remoto Emergencial, mas principalmente, como se potencializou no momento de retorno das atividades presenciais.

Durante a execução desse trabalho de conclusão de curso, ficou nítido que as hipóteses, que instigam sua construção, se concretizaram. Nos relatos dos professores/as entrevistados, em diversos momentos aparecem elementos que foram pressupostos pelo investigador para a elaboração do projeto de pesquisa.

Ao longo da análise das entrevistas, é possível observar que a potencialização da noção de Educação Popular ocorreu em diversos momentos, durante as aulas, nas relações entre os estudantes e professores/as, nos debates propostos, mas para o investigador o principal fator para essa potencialização acontecer foi a volta das reuniões presenciais.

A retomada dos encontros presenciais no núcleo de Geografia do PEAC possibilitou que muitos professores/as se conhecessem e encontrassem nas relações com os colegas o caminho para construir ações que vão para além dos temas geográficos a serem trabalhados em sala de aula. Caminhos estes que moldam a Educação Popular no Projeto, como a saída de campo no Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre.

Apesar das reuniões *on-line* com pautas reduzidas serem uma forma importante de organização do núcleo, elas não são espaços com capacidade de aprofundar debates importantes e possibilitar o surgimento de novas ideias e práticas.

O ano de 2023 se iniciou com um núcleo de professores/as mais consolidado e preparado para construir e aprofundar o caráter popular do Projeto. No ano de 2022 além da readaptação que os docentes passaram em relação as atividades do PEAC, também encararam a readaptação imposta pelo fim do distanciamento social em seus trabalhos, mestrados, graduações e outras esferas que permeiam a vida dos educadores.

Este foi um breve estudo, com poucos professores/as, que se esforçou a entender o momento que o coletivo viveu, mas as experiências dos professores/as não entrevistados são singulares e importantes também.

Os estudos encontrados sobre o PEAC são poucos em relação a grandiosidade do Projeto, que conta com mais de 20 anos de história. Há aqui evidenciado, a necessidade de estudar mais esse espaço tão rico na transformação da vida de seus discentes e docentes e que já aprovou milhares de estudantes no Ensino Superior público e privado.

A pandemia ainda não acabou oficialmente e suas sequelas ficarão marcadas nos que a viveram e na sociedade por muito tempo. Os impactos que ficaram na educação vão reverberar por bastante tempo. Pesquisadores afirmam que os impactos das mudanças climáticas devem criar novas pandemias onde devemos estar mais preparados, pois o *lobby* da educação bancária se fortaleceu na pandemia do COVID-19 enquanto os coletivos de Educação Popular enfraqueceram.

A maneira para estarmos preparados para os enfrentamentos que virão, passa pelo estudo do que vivemos, há um grande espaço para desenvolvimento de pesquisas que se debrucem sobre a relação da Educação Popular e as maneiras como os cursinhos populares sobreviveram no período de distanciamento social, mas principalmente no diz respeito aos impactos do período vivido durante a retomada ao ensino presencial.

8 REFERÊNCIAS

BORGES, José Humberto Martins. **PROJETO ALTERNATIVA CIDADÃ - PEAC: reflexões sobre uma experiência de ensino**. 2010. 74 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

CASTRO, Gabriela Oliveira de; BARREIRO, Cristhianny Bento. **Educação popular: as pesquisas sobre cursos pré-vestibulares populares e seus educadores**. Ed. Popular, Uberlândia, Edição Especial, p. 236-254, outubro, 2022.

CAVALCANTI, L., S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIROTTO, Eduardo Donizeti. **Dos PCNs a BNCC: o ensino de Geografia sob o domínio neoliberal**. Geo Uerj, n. 30, p. 419-439, 2017.

KLEIN, Carin; DAMICO, José. O uso da etnografia pós-moderna para a investigação de políticas públicas de inclusão social. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgas.). **Metodologias de pesquisas pós críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2012.

MOREIRA, J. A. M.; HENRIQUES, S.; BARROS, D. **Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia**. Dialogia, São Paulo, n. 34, p. 351-364, jan./abr. 2020.

PALUDO, Conceição. **Educação Popular em busca de alternativas: uma leitura desde o campo democrático popular**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.

Projeto Político Pedagógico do PEAC. PEAC, 2022. Disponível em: <https://www.peac.com.br/sobre-o-peac/projeto-politico> Acesso em: 10 de out. de 2022

SANCEVERINO, Ericson da Silva. **Semeando a identidade docente da Geografia no Projeto Educacional Alternativa Cidadã (PEAC)**. 2022. 43 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

SANTOS, Raí Nunes dos. **Quem planeja uma pandemia?** Reflexões sobre aprendizagem, planejamento e mudanças das aulas de Geografia com o ensino remoto emergencial frente à pandemia de coronavírus. 2021. 55 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Geografia, Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

SIMÃO, Felipe Pinto; SILVA NETO, Nathanael da Cruz e; TORRES, Julio Cesar. **Pré-vestibulares populares e a democratização do acesso ao ensino superior.** Organizações e Democracia, Marília, v. 21, n. 1, p. 57-70, Jan/Jun, 2020. Anual.

ZITKOSKI, Jaime José; HAMMES, Itamar Luís; HAMMES, Lúcio Jorge. **O legado da pedagogia freiriana: possibilidades para reencantar a educação.** In: EDUCAÇÃO, Faculdade de. Cadernos de Educação. 65. ed. Pelotas: UFPel, 2021. p. 1-18.

ANEXO I

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: O CARÁTER DE EDUCAÇÃO POPULAR NO NÚCLEO DE GEOGRAFIA DO PEAC VIVENCIADO NA RETOMADA DAS AULAS PRESENCIAIS.

VESTIGADOR: Francisco Ferreira de Araujo (fran.f.a@hotmail.com)

ORIENTADORA: Larissa Corrêa Firmino (laracorreaf@gmail.com)

NATUREZA DA PESQUISA: Esta é uma pesquisa que tem como finalidade compreender sobre o retorno ao modelo de ensino presencial no núcleo de Geografia no PEAC (Projeto Educacional Alternativa Cidadã) e a relação com a educação popular após dois anos de ensino remoto emergencial.

PARTICIPANTES DA PESQUISA: Participarão dessa pesquisa 4 professores do núcleo de Geografia do PEAC que participaram do Ensino Remoto Emergencial e da volta ao modelo presencial no PEAC.

ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Ao participar desse estudo você será entrevistado de maneira remota com duração prevista aproximada de 30 minutos, a entrevista será feita pela plataforma Microsoft Teams, será gravada e transcrita. A entrevista tem como principal objetivo ouvir sua narrativa sobre o período de volta ao ensino presencial no PEAC e as mudanças que ocorreram dentro de sala de aula e entre os professores do núcleo de Geografia.

RISCOS DE DESCONFORTO: A participação nesta entrevista não traz complicações legais de nenhuma ordem e você tem a liberdade de se recusar a participar e tem a liberdade de desistir de participar em qualquer momento que decida sem qualquer prejuízo. Não há nenhum custo financeiro para participação nessa pesquisa.

CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais e para uso na pesquisa citada. Acima de tudo interessam os dados coletivos e não aspectos particulares de cada entrevistados.

BENEFÍCIOS: Ao participar desta entrevista, você não terá nenhum benefício direto; entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam o registro da voz dos professores para contar sobre o período de retorno ao ensino presencial e suas particularidades.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, aceito participar desta pesquisa.

Nome do participante

Assinatura do participante

Local e data

Coordenadora da pesquisa

Agradecemos desde já a sua participação!

Para maiores informações você poderá entrar em contato pelo número: (55) 999370605